
**1 CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO DE ENSINO
OCTÁVIO BASTOS - UNIFEOB**

(Débora Alves da Cruz 21000052)

(Larissa Beatriz Ribeiro da Silva 21000280)

(Osvaldo Turatti Neto 22001467)

(Renan Aparecido Valdambri 21000452)

(Vanderlei Marcos da Cruz 21001309)

**A visão sistêmica da realidade do desenvolvimento
infantil no Brasil**

São João da Boa Vista/SP

2022

RESUMO

Este trabalho, teve como o ideal de expor a análise informativa e introdutória dando enfoque na realidade do desenvolvimento infantil no ambiente institucional, através de análises feitas com a linhagem de estudo do módulo de ciclo vital e aspectos psicopatológicos da personalidade do curso de psicologia, com o objetivo de elaborar uma intervenção de observação comportamental de crianças no ambiente de lar de abrigo, em uma cidade no interior do Estado de São Paulo. Desenvolvendo assuntos abordados em sala de aula dentro do parâmetro de estudo aplicada a psicologia.

Palavras-chave: Desenvolvimento infantil, fatores de risco e fatores biossociais.

I. INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

O desenvolvimento é um processo de começo e fim daquilo que se desenvolve, progride, cresce e morre. O desenvolvimento humano se divide em quatro etapas, a infância, adolescência, idade adulta e a velhice, mas isso é variável a cultura de cada sociedade, como em algumas outras culturas, eles creem que o desenvolvimento é feito em infância e não possui a adolescência, eles partem direto para a vida adulta.

O desenvolvimento humano já foi tratado sem muita importância, na idade média, as crianças eram tratadas como mini adultos, a infância era somente durante o tempo da amamentação. Logo após crescerem um pouco mais, estas crianças recebiam o dever de agir e pensar como um adulto. Estas crianças eram vistas como adultos e não somente vista, mas também se vestiam a caráter adulto e deveriam ter comportamentos semelhantes ao adulto, a ingenuidade e imaturidades da criança eram tratadas como um defeito a ser sanado.

Como afirma Linhares (2016 p.13),

“O papel da família ao longo dos séculos, a correlação entre família, criança e escola, ocorre de maneira complexa, justificadas por séculos de história, em que, a criança não teve lugar específico na estrutura familiar, foi vista como “um adulto em miniatura”. O alargamento das fontes proporcionado pela pesquisa no contexto historiográfico, permitiu que novos sujeitos históricos se tornassem alvo de investigações científicas e sociais. A partir deste momento, percebeu-se a necessidade de entender a criança como ser social, que ocupa local determinado em relação à sociedade. ”

Ainda hoje, vivemos aparatos sociais com o desenvolvimento infantil, crianças que não estão vivendo suas infâncias, não estão em ambientes pedagógicos, vivem em situação de trabalho escravo, vivem em ambientes estressores, não estão vivendo este momento importante que chamamos de infância devidamente como deveria ser, tais situações sociais, prejudicam e modificam a vida inteira de um indivíduo. Levando em consideração o processo de desenvolvimento, remetemos o tema até o desenvolvimento da maternidade. Este período é muito importante para que uma criança nasça saudável e se desenvolva corretamente em sua trajetória de vida, mas para que isso aconteça, alguns fatores devem estar envolvidos. Quando a ideia é gerar uma criança, devemos pensar que para este processo acontecer, temos que ter em mente que o planejamento de uma gravidez é essencial, dentro desse planejamento temos que utilizar de algumas práticas e ferramentas que ajudam neste momento, como manter uma boa alimentação, deixar vícios de lado, ir ao médico ginecologista, acompanhamento ao pré-natal, terapias diversas, preparo para o corpo e ambiente, redução do ritmo de trabalho, acompanhamento psicológicos, e diversos outros métodos que podem auxiliar e elucidar pais, para que tudo seja planejado e ocorra bem na gestação.

Como afirma o Comitê Científico Núcleo Ciência Pela Infância (2014 p.04),

“O desenvolvimento cerebral que permitirá a aprendizagem ao longo da vida se inicia na gestação e tem especial relevância durante a primeira infância. No período intrauterino, o cérebro começa a se desenvolver entre a segunda e terceira semana após a concepção, seguindo com a formação das primeiras células cerebrais, os neurônios, e das conexões entre os neurônios chamadas sinapses”.

O desenvolvimento cerebral do feto, é algo que se inicia antes mesmo da ideia de que a mãe possa estar com um bebe na barriga, e este desenvolvimento dura um pouco mais que duas décadas para que o cérebro de um indivíduo esteja formado completamente e tome seus comportamentos e sentimentos concretos e abstratos.

Após o nascimento, esta criança que está se despertando ao mundo das razões, irá sentir e viver intensamente o ambiente e suas relações sócioafetivos, ela irá se dar a disposição de conhecer o mundo a sua volta e o mundo irá devolver sua

carga de estímulos, assim gerando uma interação de estímulo e resposta. O que o mundo oferece a criança como estímulo pode ser positivo ou negativo, fatores estressores agem negativamente e impactam no desenvolvimento infantil.

Como afirma Poletto; Koller; Dell’Aglio (2008 p.456),

“O foco em eventos estressores no estudo do desenvolvimento infantil tem-se centrado, primordialmente, em temas como divórcio dos pais, abuso sexual/físico contra a criança e o adolescente, pobreza e empobrecimento, guerras e outras formas de trauma. Tradicionalmente, estes estressores eram concebidos de maneira estática, ou seja, na presença de qualquer um deles já eram previstas consequências indesejáveis”.

Fatores estressores são fatores de risco para a formação humana, estes fatores uma vez feito, estará envolvido no resto da vida de uma pessoa, e isto implicará no projeto de sua vida, em suas relações afetivas, em seu desenvolvimento pessoal, profissional e intelectual, no foco de atenção, em tomadas de decisões consciente, na organização da própria vida, e isto pode gerar sentimentos e pensamentos indesejáveis como não realização, insatisfação com a própria vida, estresse em excesso, perda de vínculos, solidão, ansiedade e depressão.

Como afirma o Ministério da Saúde (2002),

“Identifica fatores de risco ao desenvolvimento infantil referentes à família e à criança, como fatores de risco inerentes à família ele destaca: pais com histórico de maus-tratos, abuso sexual ou rejeição/abandono na infância; gravidez de pais adolescentes sem suporte psicossocial; gravidez não planejada e/ou negada; gravidez de risco; depressão na gravidez; falta de acompanhamento pré-natal; pai/mãe com múltiplos parceiros; expectativas demasiadamente altas em relação à criança; ausência ou pouca manifestação positiva de afeto entre pai/mãe/filhos; delegação à criança de tarefas domésticas ou parentais capacidade limitada em lidar com situações de estresse (perda fácil do autocontrole); estilo disciplinar rigoroso; pais possessivos e/ou ciumentos em relação aos filhos. Referentes à criança ele destaca: crianças separadas da mãe ao nascer por doença ou prematuridade; crianças nascidas com malformações congênitas ou doenças crônicas (retardo mental, anormalidades físicas, hiperatividade); crianças com falta de vínculo parental nos primeiros anos de vida.”

Então, quando a ideia é o desenvolvimento não somente infantil e sim humano, temos que levar em consideração que a infinidade humana está envolvida

em relações sociais desde o período intrauterino até a morte. Dar a uma criança o direito de ser criança é muito importante para a formação de uma sociedade preparada para lidar com as suas responsabilidades, com ações e tomadas de decisões conscientes. Devemos ter consciência que a infância é o momento de usufruir da brincadeira, da fantasia, da importância de ser feliz com pequenas coisas, que serão grandes coisas futuras. Traumas, guerras, fome, preconceitos, pobreza, fazem parte de um desenvolvimento não saudável.

Como afirma o Estatuto da Criança e do Adolescentes (2008 pág.09),

“Art. 3.º A criança e ao adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.”

Ser criança é simplesmente a época ideal da inocência da vida de cada indivíduo, na qual ser criança é não ter qualquer outro compromisso que vai além do gozo puro e simples de sua inocência. É ter a fantasia de criar o próprio mundo e ter a curiosidade de saber o nome das coisas.

Em relação ao nosso trabalho, focamos nas crianças abrigadas, onde faremos a visita e observação sobre os cuidados dentro de uma instituição abrigada.

Estudos realizados no Brasil sobre crianças abrigadas, sobre os efeitos negativos da institucionalização, sobre o desenvolvimento integral do indivíduo, mostra de os abrigos, mesmo as instituições qualificadas, não são capazes de oferecer o suporte amplo o suficiente, uma vez que não conseguem substituir os elementos de convivência familiar. O sujeito é inserido em um lugar de passagem, onde tanto as relações quanto os laços estabelecidos são provisórios. Outra situação é que o fato de deixar a criança em lar substituto sempre ocorreu, porem vem sofrendo mudanças de julgamento durante os anos, e que na atualidade, se associa com o desamparo materno e desorganização familiar. Por outro lado, para as crianças abandonadas e violentadas, dentro da instituição de abrigo poderá existir chance de melhores perspectiva, em relação aos seios de suas famílias. A instituição torna-se um meio de viabilização da vida. (Ferreira, 2014)

Em trabalho realizado sobre a perspectiva de futuro de crianças e adolescentes abrigados, observou-se que os fatos de ruptura com a família foram os seguintes: exposição a violências físicas e moral, abuso de drogas lícitas e ilícitas e tráfico de entorpecentes, rejeição pela figura materna ou por outros entes familiares, exploração do trabalho infantil, incluindo prostituição, abuso sexual e prisão ou falecimento dos genitores. (Ferreira, 2014)

Dados do Fundo das Nações Unidas para a Infância (2008) mostram que o Brasil possui a maior população infantil de até 6 anos das américas, representando 11% do total da população brasileira, e que a grande maioria se encontra em situação de pobreza. Além de outros fatores já mencionados para a institucionalização, a pobreza se constitui o principal motivo. Das cerca de 20 mil crianças e adolescentes abrigados, 78% destes tem o abrigo como único lugar de moradia. Sugere-se que estes lugares sejam promotores de vínculos seguros, onde haja fatores de proteção para o desenvolvimento humano. (Vectore, 2008)

O presente trabalho justifica socialmente a realidade decorrente a diversos fatores que envolve o universo de institucionalizações de crianças e adolescentes que estão sobre o apoio institucional por questões de fatores eminentes de riscos, que implica no desenvolvimento psicossocial da sociedade. Ao observar o meio social depara-se com situações que nos levam a entender como determinados sujeitos estão propensos a viver em uma realidade de apoio institucional, devidas situações podem ser consideradas fatores de riscos que deixam crianças e adolescentes em vulnerabilidade, fatores estes como: precariedade da educação, baixa renda familiar, baixa afetividade, abusos, maus tratos, uso de drogas, dificuldades geográficas, doenças por condições básicas, abandono, criminalidade, pobreza, trabalho escravo, entre outros, fazem parte desta realidade contemporânea.

O devido trabalho também teve a intenção de contribuir cientificamente como um embasamento teórico, fazendo com que este tema ganhe relevância dentro da comunidade psicossocial, servindo como uma ferramenta elucidária em sua leitura, ajudando na expansão do conhecimento acadêmico e populacional para que se desenvolva estudos mais amplos e contextuais sobre este aspecto.

II. OBJETIVOS

Este trabalho teve como o objetivo de estudo o reconhecimento dos principais elementos que fragmentam o desenvolvimento infantil, com base em observações que foram realizadas em uma instituição de acolhimento infantil e adolescente, buscando compreender variáveis positivas e negativas que fazem a permanência destes indivíduos dentro da instituição.

Observado em diferentes períodos os comportamentos e emoções que são emitidos pelos os indivíduos que estão dentro da mesma realidade e identificado a relação da literatura pesquisada com a realidade da instituição.

Confeccionado uma cartilha informativa para elucidação institucional, na qual a mesma fornece interação e informações para que o resultado do trabalho fosse claro e positivo sobre as condições de desenvolvimento infantil e social.

III. METODOLOGIA

Este projeto teve como método basear-se em uma estratégia empírica, de caráter descritivo qualitativo para que fosse feito análises de comportamentos em geral de indivíduos institucionalizados em uma instituição de abrigos para crianças e adolescentes no interior do estado de São Paulo. Estas análises foram feitas em determinados dias e períodos diferentes, para que os comportamentos destes indivíduos fossem diversificados e simbólicos para a observação, com a ajuda de cuidadores, assistente social, psicólogo e outros profissionais que estão inseridos no dia a dia desta instituição. Esta inserção ecológica teve foco em avaliar a rotina da instituição, observações feitas em horário de refeições, dias de visita, brincadeiras, entre outras atividades recorrentes a diferentes momentos do dia a dia e como estas atividades podem alterar o temperamento do indivíduo dentro de determinados ambientes, para que pudesse compreender fatores psicossociais e dinâmicos que se relacionam com os indivíduos que dividem a mesma realidade. E com isso através da coleta de dados, foi feita uma análise em conteúdos estudados e já existente na literatura, no que se diz respeito ao direito das crianças e adolescentes a situações semelhantes com as observadas na instituição.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a inserção ecológica ao lar, percebeu-se que há semelhanças entre a literatura pesquisada e os fatores que levaram as crianças para o lar de acolhimento. Os fatores principais identificados foram a falta de vínculo familiar, pais usuários de drogas, abuso, falta de condições afetivas e financeira, entre outros. Embora devemos pensar que cada ser humano que nesta instituição se encontra tem em seu contexto histórico muito mais que podemos observar.

Nas coletas de dados no ambiente institucional, foi percebido que há uma diferença em relação a idade das crianças e adolescente acolhidos, entre 30 dias de vida a 16 anos de idade, indivíduos da mesma família, adolescentes que estão começando a se conhecer sexualmente, criança que faz uso de medicamentos para ansiedade e até mesmo criança com deficiência psicomotora.

Percebeu-se nas observações que o contexto social tem grande influências sobre os adolescentes da instituição. Talvez, por estes indivíduos estar dividindo suas realidades com os atuais adolescentes de hoje, com essa influência que é tão observada nas escolas hoje em dia. Tais influências podemos observar em acessórios caros, corte e cor dos cabelos, estilos das roupas, estilos das músicas e a comunicação que traz muito gírias e às vezes acaba se tornando uma comunicação não assertiva entre os membros da instituição.

Sobre a avaliação do lar, percebeu-se que o ambiente é colorido, grande, organizado e possui uma boa estrutura para estes abrigados. Observou-se que os adolescentes possuem quartos separados para meninos e meninas, uma brinquedoteca, sala de computadores, campo de futebol, quadra e sala de filme. Os indivíduos também fazer atividades extras, fora da instituição, como: terapias, academia, compras em lojas, cinemas e escola. Tudo isso dentro de um cronograma preparado pela própria coordenadora do lar, para auxiliar no cotidiano e na rotina do lar. A instituição conta com colaboradores de diversas áreas, psicólogo, psiquiatra, pedagogo, assistente social, cozinheira, faxineira e cuidadora.

Percebeu-se também que alguns pontos como: a comunicação, a importância da afetividade, a necessidade de entender a importância dos outros em nossas vidas, bullying e a conscientização da vida sexual são pontos pertinentes em qualquer lugar, mas que merece respaldo dentro de uma instituição, pelo fato de ter muitos contextos históricos sendo divididos e por serem fatores de risco para o desenvolvimento humano. Por isso, optou-se pela ideia de que seja criada rodas de conversa para tratar a respeito do bullying, da afetividade e da comunicação assertiva dentro do lar, podendo que estas rodas sejam feitas com materiais didáticos como livros, debates, jogos e atividades que possam fortalecer a relação entre os pares.

Agora sobre a conscientização do início da vida sexual seja necessário não somente uma conversa, mas também a visita ao médico ginecologista e urologista, para que exames sejam feitos e que sejam tratados assuntos e dúvidas que possam ser recorrentes neste período. Conhecer o próprio corpo é essencial neste momento, sexo é saúde, mas sem a conscientização do ato pode vir a ser fator de risco.

Assim, através deste trabalho feito com observações, inserção ecológica dentro da instituição e levantamento de dados por meio de leituras bibliográficas, pode-se entender e compreender um pouco sobre a real necessidade que está atrelada dentro do contexto social da instituição. E com isso, foi realizado um projeto da construção de uma cartilha informativa, na qual, foi apontado pontos pertinentes que foram observados dentro do lar, como: saúde mental, ansiedade, depressão, bullying, afetividade e comunicação assertiva. A devolutiva deste projeto foi feita presencialmente, junto com uma ação voluntária, na qual, o grupo de projeto criou uma campanha para arrecadação de alimentos, brinquedos e roupas, para concluir o trabalho e fortalecer a instituição de acolhimento.

Contudo, apesar dos resultados obtidos com as observações, certos pontos sobre o desenvolvimento destes indivíduos institucionalizados, ainda não foram esclarecidos de forma satisfatória, requerendo maior estudos e inserções ecológicas para poder compreender melhor quais os fatores que estão inseridos na vida destes sujeitos. Até mesmo trazendo a ideia da criação e a fortificação de políticas públicas junto com as leis que apontam o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) sobre o cuidado destas pessoas, para que se possa proteger, assegurar-lhes os direitos e

fortalecer estes indivíduos para seres sujeitos produtivos, funcionais e que possua sua autonomia e liberdade em sociedade.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de desenvolvimento não somente o infantil, mas também o desenvolvimento humano, mostra-se como um problema ainda contemporâneo, para aqueles que estejam passando por este processo e não compreendem como é significativo para o decorrer saudável de uma vida inteira. A elucidação deste assunto é necessária para que se desenvolva uma visão ampla sobre como fatores de riscos podem prejudicar a vida social e comportamental de um indivíduo.

O intuito deste trabalho foi de buscar a compreensão por meio de observações em determinado campo social, onde o comportamento observado dirá muito sobre as emoções e sentimentos que cada um traz em suas interações sociais, entender como fatores de riscos podem realmente modificar a vida de uma pessoa, fatores estes como: afetividade, pobreza, criminalidade, abusos, baixa escolaridade, drogas, entre outros, estão atrelados neste aspecto. Por bases destas observações poderemos compreender o que levou estas crianças e adolescentes estarem em um ambiente institucional e como seus comportamentos e emoções se relacionam com o meio social.

E mesmo com todos estes desafios que envolvem o desenvolvimento humano o amparo e a empatia resiste! Resiste quando se cria uma visão sistêmica sobre o assunto. Assim, pensando em resistência, pensamos no ser humano em seu ambiente e momento atual, fazendo com que o objetivo maior seja combater o desamparo e preservar a vida.

Percebemos que estudar o desenvolvimento infantil, e o fato de poder observar a prática em instituição de abrigados contribuíram para o crescimento dos estudantes em relação ao tema. O que se verificou sobre os abrigados, foram vários fatores que levaram as crianças para estes abrigos, o que coincide com a literatura pesquisada a respeito.

O grupo de pesquisa reconhece a grande necessidade de ampliar o olhar para este público em específico, através de políticas públicas mais abrangentes,

capaz de dar o suporte necessário ao desenvolvimento infantil. Sobretudo para estas crianças com vínculos familiares precários, que muitas vezes, apesar dos esforços, os lares de abrigo não contam com uma estrutura suficiente para preencher o vazio destes lares. Se faz necessário também o envolvimento das comunidades locais visando ampliar a gama de respostas positivas de vínculos e favorecendo a comunicação assertiva através das relações sociais saudáveis.

O grupo entende ainda que favorecer o desenvolvimento saudável da criança, é compreender o quanto esta fase poderá interferir nas demais fases do desenvolvimento humano, e garantir uma vida toda de bem-estar as crianças em desenvolvimento. Garantir os direitos destas crianças vulneráveis, oferecer afeto, e educar para a vida, é ajudar na construção de uma sociedade mais saudável e humana.

VI. REFERÊNCIAS

Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância (2014). Estudo nº 1: O **Impacto do Desenvolvimento na Primeira Infância sobre a Aprendizagem**. Pág.04. Disponível em: <<http://www.ncpi.org.br>.> Acesso em: 28 ago. 2022.

Ferreira, V. V. F., Litting, P. M. C. B., Vescovi, R. G. L. Crianças e adolescentes abrigados: perspectiva de futuro após situação de rua. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 2014. p. 165-174. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/P4bNjpmNVFhGstQ844D4Hxn/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2022.

LINHARES, Juliana Magalhães. *História Social da Infância*, Sobral: Inta, 2016, 66 p. Pág.13. Disponível em: <<https://md.uninta.edu.br/geral/historia-social-da-infancia/pdf/historia-social-da-infancia.pdf>> Acesso em: 04 set. 2022.

Ministério da Saúde/ Estatuto da Criança e do Adolescente 3º edição 2º reimpressão. Pág.09 2008. Brasília DF. Disponível em: <<https://bvsmis.saude.gov.br>> Acesso em: 04 set. 2022.

Ministério da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde (2002). *Cadernos de Atenção Básica Nº 8 Série A – Normas e Manuais Técnicos; nº 131*. Pág. 25. Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf> Acesso em: 28 ago. 2022.

POLETTO, Michele; KOLLER, Silvia Helena; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; **Eventos estressores em crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social de Porto Alegre**, Rio Grande do Sul, Pág.456, mar.2008. Disponível em:<https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/csc/v14n2/a14v14n2.pdf> Acesso em: 28 ago. 2022.

Vectore, C. Carvalho, C. Um olhar sobre o abrigo: a importância dos vínculos em contexto de abrigo. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)* • Volume 12 Número 2 Julho/Dezembro de 2008 • 441-449. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dbLkKV33Xcf34LKxZG7RC7G/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 05 set. 2022.